

DISCURSO, IMAGINÁRIO E SIGNIFICAÇÃO: EFEITOS DE SENTIDO SOBRE A LÍNGUA INGLESA NO ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO BRASILEIRO

Thais Ribeiro Silva¹ (AC – thaissilva.unica@gmail.com)* e Anderson Braga do Carmo¹ (PO).

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: A partir de uma perspectiva materialista histórica, este estudo propõe investigar e descrever o funcionamento da língua inglesa no espaço de enunciação brasileiro (Guimarães, 2015), por meio da aplicação de um questionário on-line para graduandos do Câmpus Sudoeste da UEG, em Quirinópolis. Considerando o crescente impacto global do inglês e sua presença em diferentes esferas sociais, a pesquisa intenta compreender o uso de empréstimos e estrangeirismos da língua inglesa em âmbito nacional, e de que forma se constituem crenças e atitudes linguísticas por parte dos falantes brasileiros em relação aos usos do idioma. Para tanto, mobilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso francesa em articulação com a Lexicologia, com o propósito de identificar as regularidades discursivas que determinam os valores atribuídos à utilização da língua inglesa pelos brasileiros no seu cotidiano, e ainda os fatores que condicionam este uso. Visto isso, nosso arquivo de análise foi constituído por meio de recortes discursivos advindos pela aplicação do questionário supracitado, os quais foram analisados a partir de um olhar qualitativo e discursivo. Dessa forma, apreendemos as formações discursivas e os efeitos de sentido sobre o uso da língua inglesa, a partir das respostas dos graduandos. Logo, ao nos atentarmos ao fato de que o espaço de enunciação é sempre um espaço de disputa e de acesso aos modos de dizer dos falantes (Guimarães, 2015), o nosso gesto de leitura nos permitiu identificar que o sujeito graduando estabelece um imaginário atravessado por relações e percepções que ora situam os estrangeirismos como palavras do sistema da língua portuguesa, e ora os estabelece como pertencentes à língua inglesa. Logo, as respostas dos estudantes nos mostram que os sentidos são construídos historicamente e carregam uma memória marcada ainda por crenças e valores tanto em relação à língua inglesa, como em relação à língua portuguesa.

Palavras-chave: Língua inglesa. Pré-construído. Léxico. Crenças e Atitudes Linguísticas. Análise de Discurso.

Introdução

O artigo investiga a dinâmica entre o uso da língua inglesa e a língua portuguesa no Brasil, ressaltando como o inglês se insere no cotidiano brasileiro em diversas esferas, como na mídia, na propaganda e nos ambientes profissionais. A pesquisa é fundamentada, então, na ideia de que o espaço de enunciação no Brasil é moldado por disputas que geram diferentes representações da língua inglesa. Esse fenômeno é amplificado pelo processo de globalização, pelas trocas comerciais e pela influência da mídia, fatores que favorecem a interação entre idiomas e culturas.

O objetivo central da pesquisa foi o de entender o funcionamento dos empréstimos e estrangeirismos da língua inglesa no português falado no Brasil. A escolha do léxico como foco de análise se deve à sua flexibilidade e capacidade de

integrar novos elementos linguísticos. O estudo buscou descrever e analisar as percepções e valores que os falantes de português atribuem à língua inglesa, bem como identificar os contextos em que essas expressões são usadas.

Duas questões que nortearam a investigação foram: quais são as percepções e valores atribuídos à apropriação do inglês pelos brasileiros no cotidiano, e quais fatores impactam essa apropriação? Apesar do inglês ser um componente obrigatório no currículo escolar, muitos ainda percebem o idioma como inatingível ou de difícil aprendizagem, o que reflete um imaginário social que merece ser explorado.

Em sua constituição, a pesquisa se apoia na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, utilizando obras de autores como Pêcheux (1983) e Orlandi (2010), entre outros, para se compreender os processos discursivos em jogo. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, a partir da aplicação de um questionário para estudantes oito cursos de graduação da Universidade Estadual de Goiás. As respostas coletadas foram analisadas com base em conceitos discursivos, como formação imaginária, ideologia e condições de produção.

O estudo não buscou emitir julgamentos sobre os usos da língua, mas entender como a língua inglesa se manifesta no Brasil e como os falantes de português lidam com esse fenômeno. Assim, ao descrever o processo de empréstimo e integração do inglês no espaço de enunciação brasileiro, esperamos contribuir com um melhor entendimento das relações linguísticas e sociais contemporâneas.

Considerações Metodológicas

Inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico em fontes diversas, incluindo livros, periódicos e sites especializados, para fundamentar teoricamente o estudo. Para tanto, autores como Orlandi (2010), Guimarães (2015), Sabadin (2013), Botassini (2013), Barcelos (2004) e Soares (2009) foram essenciais para as reflexões e análises propostas.

Logo, a pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória, visto que foi desenvolvida com o objetivo de compreender o imaginário constituído para a língua inglesa no Brasil, ao mesmo tempo em que faz isso analisando as percepções estabelecidas por um determinado grupo, os graduandos da UEG. Visto isso, para

que pudéssemos constituir um arquivo de leitura e análise, elaboramos um questionário no *Google Forms*, o qual foi aplicado para os estudantes do câmpus.

Além disso, a pesquisa é classificada como um estudo de caso, permitindo uma análise profunda e detalhada de um número limitado de dados. Essa abordagem é vista como fundamental para se obter um entendimento abrangente, o que seria difícil em outros tipos de pesquisa.

O estudo está ancorado em uma abordagem materialista histórica, para a qual as formações sociais e as condições de produção do que é dito interessam à análise, que enfatiza a dimensão histórica e ideológica da materialidade discursiva. Nessa direção, estabelecemos que os sentidos resultam de relações, as quais projetam, rememoram ou antecipam o que se efetiva como um imaginário social, que é o foco da pesquisa em tela em relação à língua inglesa.

O referido questionário analisou as respostas de três graduandos de cada um dos oito cursos da UEG – Câmpus Sudoeste em Quirinópolis, totalizando 24 participantes. Por fim, o conceito de recorte discursivo foi introduzido como uma unidade de análise, definida por Orlandi (1984) como fragmentos correlacionados da linguagem e situação. Esses recortes, provenientes das respostas dos graduandos, foram fundamentais para compreender o funcionamento da língua inglesa no contexto brasileiro, propiciando a constituição de uma análise sobre o tema.

Resultados e Discussão

“Com qual frequência você entra em contato com a língua inglesa no seu cotidiano?”, “Você se sente confiante para entender e se comunicar em língua inglesa?”, “Você acha importante dominar a língua inglesa?” e vários outros questionamentos relacionados à análise de fatos da língua, fizeram parte do questionário aplicado para os graduandos da UEG.

Então, após serem analisados, verificou-se que não há uma uniformidade na compreensão da regularidade discursiva, visto que para alguns estudantes, estruturas linguísticas como “*crush, vip, feed, outdoor e Instagram*” são interpretadas como pertencentes à língua portuguesa, enquanto para outros elas pertencem à língua inglesa, mesmo que amplamente utilizadas no Brasil. Desse modo, notamos que o uso linguístico entra em contraposição com a memória sobre a língua, o que é um

efeito de sentido constituído pelo funcionamento destes itens lexicais no espaço de enunciação brasileiro. Logo, ao se constituir por falantes e línguas, o espaço de enunciação mostra que também é um espaço político, no qual as línguas se “dividem, redividem, se misturam, se desfazem, transformam por uma disputa incessante” (Guimarães, 2015).

Diante do cenário linguístico que vivenciamos, no qual as pessoas e as culturas se relacionam, progressivamente, em decorrência do avanço tecnológico, por meio da mídia tradicional, a relação entre línguas mostra-se como um princípio gerador de crenças, bem como tece uma série de pré-construídos sobre a língua inglesa, advindos do interdiscurso, tal como apareceram nas seguintes respostas: “é difícil de aprender”, “não se utiliza no país, só quando se viaja para o exterior”, “eu tenho vergonha de falar em outro idioma” e várias outras.

Assim, ao analisarmos e refletirmos sobre a questão do imaginário, que é criado pelos sujeitos ao fazerem uso de unidades linguísticas (siglas, frases, gírias, hashtags) da língua inglesa no espaço de enunciação brasileiro, o entendemos como um espaço de organização de sentidos, que são atravessados e constituídos nas relações de linguagem em que o sujeito faz parte.

Por outro lado, a subjetividade presente nas respostas dos sujeitos que participaram da pesquisa corrobora com o que estabelece Sabadin (2013), sobre a manifestação das crenças, as quais são responsáveis pela constituição de valores socialmente compartilhados entre os sujeitos de uma mesma comunidade de fala.

Ao olharmos para esta relação de crenças e valores, notamos que o léxico, ao se constituir enquanto o saber vocabular que existe na consciência deste grupo de falantes, (Oliveira; Isquerdo, 2001, p.9), mostrou-se como o lugar do confronto linguístico entre a língua portuguesa e a língua inglesa, fazendo com que várias palavras possam habitar o espaço de enunciação brasileiro sem que os falantes as reconheçam como de outro idioma. É este apagamento que nos mostra o quanto o imaginário da língua inglesa no Brasil possui os seus equívocos, já que o uso dos elementos linguísticos não consolida a percepção de que a língua inglesa é de difícil aprendizagem, como se observa nas respostas de alguns graduandos.

Considerações Finais

Em síntese, ao verificarmos as regularidades materializadas em nosso arquivo, entendemos que as dificuldades que os graduandos apresentam em não reconhecer os elementos da língua inglesa como estrangeirismos, são já efeitos da operacionalização do espaço de enunciação brasileiro. Sabemos que a o ensino da língua inglesa no Brasil, embora assegurado por documentos oficiais de ensino como a BNCC, apresenta um histórico de tensão entre os métodos de ensino e como eles estabeleceram o que se devia e se deve saber sobre a língua (Uphoff, 2007, p.9), ocasionando experiências produtivas e outras pouco satisfatórias. Nesse sentido, entendemos que esta relação do falante com o idioma estrangeiro passa por diferentes organizações institucionais (escolares, trabalhistas, artístico-culturais e as redes sociais) e apresenta necessidades e valorações diferentes em cada uma delas.

Visto isso, pensando que o imaginário sobre a língua inglesa é atravessado e se constitui de diversas formas no Brasil, como mostrou a nossa pesquisa, compreendemos que os falantes, ao utilizarem elementos da língua inglesa em suas práticas de linguagem, constroem formações imaginárias sobre estes que ora os estabelecem como estrangeirismos, ora como pertencentes ao sistema linguístico da língua portuguesa.

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste, pelo apoio, infraestrutura e pela bolsa de ações extensionistas (Edital – PRE 005/2024), os quais foram fundamentais para a realização deste trabalho. Por fim, reconheço o apoio de familiares, os quais incentivaram-me durante o processo de pesquisa e redação deste texto. Sem a colaboração de todos, este estudo não teria sido possível.

Referências

BARCELOS, A. M. F. **Understanding teachers' and students' language learning beliefs in experience: A Deweyan Approach.** 2000. Tese (Doutorado em Ensino de Inglês como Segunda Língua) – The University of Alabama, Tuscaloosa, AL, USA, 2000.

BARCELOS, A. M. F. **Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas.** Linguagem e Ensino, vol. 7, n. 1, 2004.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Edição revista e ampliada. Pontes, 2021. Disponível em:
https://www.sergiofreire.pro.br/ad/FERNANDES_ADRI.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023

GUIMARÃES, E. **Espaço de Enunciação, Cena Enunciativa, Designação**. Fragmentum, [S. l.], n. 40, p. 49–68, 2015. DOI: 10.5902/17264. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/17264>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise do Discurso. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020, p.23-26.

MOTA, Ilka de Oliveira. O inglês na rua, na avenida, na cidade. Uma análise discursiva sobre a língua inglesa no espaço urbano brasileiro. **Revista Rua**. 2013, N. 19. V. 2, Campinas, p. 120–129.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Qual é o idioma mais falado do mundo?** Publicado 17 de mai. de 2023, 16:24 BRT. Disponível em:
<<https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2023/05/qual-e-o-idioma-mais-falado-do-mundo>> Data de acesso: 30 nov. 2023.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p.9-11.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos.13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____. Segmentar ou recortar. In: **Linguística**: questões e controvérsias. Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Uberaba, 1984, p. 9-26.

PAIVA, Vera Lucia de Oliveira e. A língua inglesa no Brasil e no mundo. In: PAIVA, Vera Lucia de Oliveira e (Org.). **Ensino de língua inglesa**: reflexões e experiências. Campinas: Pontes editores, 2005.

PAYER, M. O. (2005) **Linguagem e sociedade contemporânea** – sujeito, mídia, mercado. Rua, 11, p. 9-25.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006. Edição original: 1983.

SABADIN, M. N. **Crenças e atitudes linguísticas**: aspectos da realidade na tríplice fronteira. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SOARES, D. A. **O papel do léxico na aprendizagem da língua Inglesa nos níveis intermediário e avançado**. Revista de villegagnon. 2009. Disponível em: < <https://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000004/000004cd.pdf> > Acesso em: 08 out. 2023.

UPHOFF, Dorte. A história dos métodos de ensino de inglês no Brasil. In: BOLOGNINI, Carmen Zink. **Discurso e Ensino**: a língua inglesa na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p.9-15.